

PRIMEIRO | ROUND



## DE **HITCHENS** PARA WILSON

Ao olhar para a questão que se me apresenta (pela qual devo agradecer-lhe sua generosidade e hospitalidade ao solicitar minha resposta), tenho plena certeza de que posso responder na negativa. As razões são estas:

[1] Embora o cristianismo seja visto como a fonte (ou se veja como a fonte) de onde se disseminam preceitos morais como “Ama o teu próximo”, eu não conheço nenhuma prova de que esses preceitos sejam derivados do cristianismo. Citando um exemplo de cada Testamento, não acredito que os seguidores de Moisés não se importaram com homicídio, roubo e falso testemunho enquanto não chegaram ao Sinai, e observo que a parábola do bom samaritano revela alguém que, por definição, não podia ser cristão.

Acrescento a esses pontos óbvios que a Regra Áurea é bem mais antiga que qualquer sistema monoteísta, e nenhuma sociedade humana seria viável ou mesmo concebível sem uma base de solidariedade (o que também abre espaço para o interesse próprio) entre seus membros. Mesmo que isso não seja de grande

relevância para a dimensão ética, eu acrescentaria que nem a fábula de Moisés nem os relatos que os evangelhos fazem de Jesus de Nazaré, com todas as suas enormes discrepâncias, podem afirmar a virtude da veracidade histórica. Tenho consciência de que muitos cristãos também têm dúvidas sobre a veracidade literal desses contos, mas isso é muito mais problema deles do que dificuldade minha. Ainda que eu acreditasse que Jesus nasceu de uma virgem, não consigo pensar como isso constituiria uma prova da divindade de seu pai ou da veracidade de seus ensinamentos. Nem mesmo se eu aceitasse que ele ressuscitou. No Novo Testamento há tantas ressurreições que é difícil depositar minha confiança em alguma delas, e muito menos empregá-las como base para algo tão integral para mim quanto minha moralidade.

[2] Muitos dos ensinamentos do cristianismo são imorais, além de inacreditáveis e míticos. Cito principalmente o conceito da redenção vicária, pelo qual a responsabilidade pessoal pode ser transferida a um bode expiatório, sendo, dessa maneira, eliminada. Em meu livro, argumento que posso pagar sua dívida ou até mesmo ir para a prisão em seu lugar, mas não posso absolvê-lo do que você fez. Infelizmente, essa fantasia exorbitante chamada “perdão” anda de mãos dadas com uma advertência igualmente extrema — a saber, a rejeição de uma oferta tão sublime é passível de ser punida com condenação eterna. Nem o Antigo Testamento, que não se intimida em recomendar genocídios, escravidão, mutilações de órgãos genitais e outros horrores, inclina-se a mencionar a tortura dos mortos. Os que contam essas

histórias tão horríveis para criancinhas não são condenados por mim, mas pela História e por aqueles que abominam a crueldade cometida contra crianças (fundamento moral presente em todas as culturas).

C.S. Lewis ajuda-me a tornar clara essa ideia, enfatizando que os ensinamentos de Jesus fazem sentido somente se o emissor da mensagem for arauto de um reino dos céus iminente. Se não fosse assim, não seria moralmente arriscado denunciar o uso econômico do dinheiro, a família e a preocupação com “o dia de amanhã”? Alguns de seus leitores poderão acreditar que esse ensinamento é verdadeiro — no sentido de uma redenção iminente — ou moral. Penso que, para eles, seria difícil acreditar nas duas coisas ao mesmo tempo; e observo também que seus esforços seriam infrutíferos e excessivamente hercúleos (às vezes chamados “fanáticos” em relação ao modo como as duas coisas tracionam em sentidos opostos). Outra maneira de dizer a mesma coisa seria afirmar que, se o cristianismo pretendia nos salvar com seus ensinamentos, ele deveria ter se saído melhor até agora. É assim passo para meu próximo ponto.

[3] Se o cristianismo deseja receber crédito pelo trabalho de cristãos excepcionais ou pelas atividades de famosas obras de assistência social, então, a bem da verdade, deveria também assumir a responsabilidade pelo contrário. Não serei condescendente com seus leitores, especificando-lhes quais são esses opostos, mas sugiro outra vez que olhem para a Regra Áurea. Para citar só um exemplo mais recente, se salmos e hinos foram cantados para

santificar a escravidão, mas depois também cantados por abolicionistas, então seria lógico afirmar que a explicação não fanática para isso é que a moral não exige sanção sobrenatural? Todas as igrejas cristãs já tiveram de se desculpar por terem participado de algum modo das Cruzadas, da escravidão, do antissemitismo etc. Não acho que essa humildade roube o crédito da fé como tal, pois inclino-me a pensar que a fé é o problema primordial, mas acho que a humildade conduz necessariamente à conclusão de que a religião é algo fabricado pelos homens.

Passando para o outro extremo da humildade, a ideia fantasiosa de que o cosmos foi feito para o homem atinge-me como a mais elevada forma de egocentrismo arrogante. E isso me leva ao meu último pensamento (respeitando os limites deste breve ensaio). Não nos falta conhecimento sobre essas questões, e as fronteiras se expandem numa velocidade que impressiona até quem não está em busca de uma causa única para fenômenos tão grandes e diversificados. Podem-se encontrar mais motivos para assombro e reverência num estudo do espaço ou de nosso DNA do que em qualquer livro escrito por um grupo de homens piedosos na era do mito (em que Tomás de Aquino levou a astrologia a sério e Agostinho inventou o “limbo”).

É claro que não tenho condições de provar a inexistência de uma divindade que supervisiona e vigia cada momento da minha vida e irá me perseguir mesmo depois da morte. (Mas posso me alegrar com a falta de provas para uma ideia tão pavorosa, que poderia se comparar a uma Coreia do Norte celestial, onde a

liberdade não é só impossível, mas inconcebível.) Mas também nenhum teólogo já provou o contrário. Talvez isso coloque em condições de igualdade quem crê e quem duvida — exceto pelo fato de que a pessoa que crê alega saber não apenas que Deus existe, mas que os pormenores de sua vontade não são meramente passíveis de conhecimento, mas conhecidos de fato. Uma vez que a religião nasceu quando as espécies viviam em estado de grande ignorância e medo considerável, espero ser perdoado por não querer acreditar que outro ser humano possa me dizer o que devo fazer nos detalhes mais íntimos de minha vida e do meu pensamento e, além disso, ditar esses termos como se representasse uma entidade sobrenatural. É claro que essa ideia tirânica é muito mais antiga que o cristianismo, mas às vezes acho que os cristãos têm muito menos motivos para acreditar, e menos ainda para desejar que algo tão horrível seja verdade. Será que sua resposta me fará mudar de ideia?

## DE **WILSON** PARA HITCHENS

Gostaria de começar agradecendo-lhe por aceitar participar desta — como diriam os diplomatas — “franca troca de opiniões”. E com certeza agradeço aos amigos da *Christianity Today* por nos acolher.

P.G. Wodehouse disse certa vez que há mentes que são como sopa num restaurante de quinta categoria — melhor não mexer.

Ao pensar sobre o ateísmo, receio que eu possa me identificar com as palavras de Wodehouse. Eu vinha estudando esse assunto sem envolver outras pessoas, até que vi o livro de Sam Harris na mesa de um colega, o que me levou a escrever outro livro em resposta, isso sem falar em uma resenha da mais recente publicação de Richard Dawkins e agora uma série de respostas ao livro *God is Not Great* [Deus não é grande], tudo isso culminando neste debate. Receio que meu problema seja o seguinte: quanto mais eu mexo no prato de sopa, mais fumaça, carnes misteriosas e perguntas vêm à superfície. Aqui estão algumas.

Seu primeiro argumento é que a fé cristã não pode receber o crédito por toda aquela coisa envolvendo “ama o teu próximo”, isso sem falar na Regra Áurea, e a razão apresentada é que esses preceitos morais sempre foram óbvios para todos os que, ao longo da História, queriam uma sociedade estável. Daí você passa para o segundo argumento, que diz que os ensinamentos do cristianismo são “incrivelmente imorais”. Em seu livro, você argumenta a mesma coisa referindo-se a outras religiões. Aparentemente, os princípios morais básicos não são assim tão óbvios. Então, esta é minha primeira pergunta: em que sentido você está apresentando esse argumento? Será que todas as sociedades humanas têm uma noção básica de moral, que é o tema de seu primeiro argumento, ou será que a religião contaminou *todas as coisas*, que é a tese de seu livro?

A segunda coisa que se observa é que, na realidade, os cristãos não alegam que o evangelho tornou o mundo melhor fornecendo-nos

informações éticas turbinadas. Houve avanços éticos que se devem à propagação da fé, mas não é aí que se concentram as ações. Os cristãos creem — conforme argumenta C.S. Lewis em *A abolição do homem* — que incrédulos compreendem os fundamentos da moralidade. O apóstolo Paulo refere-se aos gentios, que não tinham a lei, mas assim mesmo tinham um conhecimento natural de alguns princípios da lei (Rm 2.14). Mas o mundo não se torna um lugar melhor porque se consegue entender a maldade humana. Ele deve se tornar melhor por meio das boas novas — precisamos aceitar a dádiva do perdão e a consequente capacidade de viver em conformidade com um padrão que já conhecíamos (mas que, necessariamente, estávamos deixando de seguir). Portanto, o evangelho não consiste em alguma lei nova e aperfeiçoada. Ele torna o mundo melhor por meio das boas novas, e não usando de artifícios como culpa ou bons conselhos.

Em sua segunda objeção, você tem o prazer de desqualificar o Antigo Testamento, “que não se intimida em recomendar genocídios, escravidão, mutilações de órgãos genitais e outros horrores”. Em prol da nossa discussão, deixando de lado por um momento se sua representação do Antigo Testamento é tendenciosa ou fiel, parto da premissa de que você resumiu com fidelidade a essência da ética de Moisés. Daí você passa a dizer que foram “condenados pela História” os que ensinam tais histórias para as crianças. Mas por que essa “condenação feita pela História” deveria ter alguma importância para qualquer um de nós que



lê histórias bíblicas para crianças, ou deveria importar até mesmo para qualquer das pessoas que cometeram aquelas atrocidades, segundo os princípios que  *você*  estabelece? Essas pessoas já estão todas mortas, e nós, que lemos essas histórias, também iremos morrer. Por que deveríamos nos importar com os frágeis julgamentos da História?  *Deveriam*  os propagadores desses “horrores” ter se importado? Não há Deus, correto? Como não há Deus, isso significa — você sabe disso — que genocídios acontecem do mesmo jeito que terremotos e eclipses. Tudo é matéria em movimento, e essas coisas acontecem.

Se você está do lado de quem é atingido, só existe morte, e se você é um dos agentes desse genocídio, o resultado a longo prazo é uma breve vitória e morte no final. Então, quem se importa? Imagine um israelita durante a conquista de Canaã, fazendo todas aquelas coisas ruins que você diz terem acontecido. Durante um de seus arroubos de fúria, empunhando uma espada, será que ele deveria parar por um momento para refletir sobre a possibilidade de você estar com a razão? “Sabe, daqui a três milênios e meio, o consenso entre os historiadores será que estou fazendo algo errado neste exato momento. Mas, se não há Deus, essa desaprovação com certeza não irá perturbar minha indiferença. Avante com os despojos e a matança!” Baseado nos princípios que  *você*  estabeleceu, porque ele  *deveria*  se importar com algum princípio moral?

Em sua terceira objeção, você diz que, “se o cristianismo deseja receber crédito pelo trabalho de cristãos excepcionais ou pelas

atividades de famosas obras de assistência social, então, a bem da verdade, deveria também assumir a responsabilidade pelo contrário”. Resumindo, se expomos os nossos santos, você exige que também mostremos nossos charlatães, perseguidores, trapaceiros, mercadores de escravos, inquisidores, camelôs, televangelistas e por aí afora. Mas permita-me expor a estrutura do seu argumento aqui. Se um professor universitário recebe crédito pelo aluno que domina toda a matéria estudada, passa nos exames finais e segue para uma carreira que será benéfica para si e para a universidade onde se formou, deve-se obrigatoriamente criticar o professor (é uma questão de justiça) pelo vagabundo maconheiro que ele teve de pôr para fora da classe na segunda semana de aula. Ambos estavam matriculados, não é? Ambos eram alunos, não eram?

O que você está dizendo é que o cristianismo precisa obrigatoriamente ser julgado não apenas com base nos que creem no evangelho e vivem segundo essa fé, mas também com base nos cristãos nominais que não podem ouvir o Sermão do Monte sem que isso seja motivo de piada e sem correspondência na vida. Você está dizendo que aqueles que se destacam no curso e os que tomam bomba são a mesma coisa. É um pensamento que me parece bastante curioso.

Você conclui fazendo objeção à soberania de Deus e diz que essa ideia transforma o mundo inteiro num pavoroso Estado totalitário, onde os que creem dizem que Deus (e quem *ele* pensa que é?) controla todas as coisas. Eu recomendo que você deixe

um pouco de lado toda essa teologia e tente evocar alguma gratidão por aqueles que criaram nossas instituições de liberdade. Muitas dessas pessoas foram realmente inspiradas pela ideia de que, uma vez que Deus é plenamente soberano e o homem, pecador, todo poder humano deve ter limites e responsabilidades. A ideia da divisão de poderes vem de uma cosmovisão que você desqualifica como essencialmente totalitária. Por que as sociedades em que predominou esse tipo de teologia geraram, como consequência direta, nossas instituições de liberdade civil?

A última questão: em seu parágrafo final você dá grande importância ao seu individualismo e ao seu direito de ser deixado em paz nos “detalhes mais íntimos de sua vida e de seu pensamento”. Diante de seu ateísmo, que explicação você pode dar que nos obrigue a respeitar o indivíduo? Como o seu individualismo flui das premissas do ateísmo? Por que alguém do mundo externo deveria respeitar os detalhes de sua vida e de seu pensamento mais do que respeita o movimento interno de qualquer outra reação química? Nossos pensamentos não passam disso, certo? Ou, se existe uma diferença, poderia você, a partir das premissas de seu ateísmo, fazer essa distinção?